

Mário de Carvalho

Se Perguntarem
por Mim,
Não Estou

seguido de

Haja
Harmonia

Teatro



O Campo da Palavra

CAMINHO

O

s morcegos têm má visão e andam sempre a entrar onde não devem! Uma noite, um morcego entrou na cova duma doninha que era uma grande comedora de ratos. E vai a doninha e diz-lhe: «Que bom, olha um rato, vou comê-lo.» E o morcego respondeu: «Não vês que tenho asas? Onde é que tu viste um rato com asas? Eu não sou um rato, sou um pássaro!» E a doninha, que não gostava de pássaros, deixou-o ir embora. Mas o morcego, atarantado, foi ter a um buraco de árvore em que havia um gavião. O gavião adorava pássaros, e diz: «Olha que boa coisa, um passarinho que vem mesmo a calhar!» Mas o morcego respondeu: «Essa é boa! Passarinho, eu? Olha para este pêlo, tão liso e tão macio! Onde é que tu vês as penas?» O gavião disse: «É verdade, não tem penas... não é um pássaro.» «É evidente que não», respondeu o morcego, «eu sou um rato.» «Bah, detesto ratos», respondeu o gavião. E deixou o morcego ir-se embora... Eu sou assim... Numas circunstâncias... sou uma coisa; noutras, sou outra... Assim tenho evitado as chatices. Enfim... algumas...

ISBN 972-21-1260-0



9 789722 112604

Faculdade de Letras de Lisboa



ULFL060592

Exceder

821.134.3
CAR, M

Se Perguntarem por Mim, Não Estou

seguido de

Haja Harmonia

8.12.08



DO AUTOR

CONTOS DA SÉTIMA ESFERA

Vega, 1981; 2.ª ed., Editorial Caminho, 1990

CASOS DO BECO DAS SARDINHEIRAS

Vega, 1981; 2.ª ed., Rolim, 1985; 3.ª ed.,
Editorial Caminho, 1991; 4.ª ed., 1996

O LIVRO GRANDE DE TEBAS, NAVIO E MARIANA

Vega, 1982 — Prémio Cidade de Lisboa; 2.ª ed., Editorial Caminho, 1996

A INAUDITA GUERRA DA AVENIDA GAGO COUTINHO

Rolim, 1.ª ed., 1983; 2.ª ed., 1984; 3.ª ed., Editorial Caminho, 1992; 4.ª ed.,
1995, 5.ª ed., 1997

FABULÁRIO & ETC, 1984; 2.ª ed., Editorial Caminho, 1998

CONTOS SOLTOS

Quatro Elem. Editores, 1986

ERA UMA VEZ UM ALFERES

Rolim, 1.ª ed., 1984; 2.ª ed., 1985

E SE TIVESSE A BONDADE DE ME DIZER PORQUÊ

(em parceria com Clara Pinto Correia) Rolim, 1986; 2.ª ed., Relógio d'Água, 1996

A PAIXÃO DO CONDE DE FRÓIS

Rolim, 1986; Círculo de Leitores, 1987 — Prémio Dom Dinis, *ex aequo*,
3.ª ed., Editorial Caminho, 1993

OS ALFERES

Editorial Caminho, 1989, 2.ª ed., Círculo de Leitores, 1991

QUATROCENTOS MIL SESTÉRCIOS seguido de O CONDE JANO

Editorial Caminho, 1991 — Grande Prémio APE 1992 (conto)

ÁGUA EM PENA DE PATO. TEATRO DO QUOTIDIANO

Editorial Caminho, 1992

UM DEUS PASSEANDO PELA BRISA DA TARDE

Editorial Caminho, 1994; 2.ª ed., 1995; 3.ª ed., 1995 — Grande Prémio APE
1995 (romance); 4.ª ed., 1996 — Prémio Fernando Namora — 1996; Prémio
Pégaso de Literatura — 1996; 5.ª ed., 1997

ERA BOM QUE TROCÁSSEMOS UMAS IDEIAS SOBRE O ASSUNTO

Editorial Caminho, 1995; 2.ª ed., 1995; 3.ª ed., 1996

APUROS DE UM PESSIMISTA EM FUGA

Col. Caminho de Abril, Editorial Caminho, 1999

SE PERGUNTAREM POR MIM, NÃO ESTOU seguido de HAJA HARMONIA

Editorial Caminho, 1999; 2.ª ed., 2000

Mário de Carvalho

Se Perguntarem
por Mim,
Não Estou

seguido de

Haja
Harmonia

Teatro

CAMINHO

O Campo da Palavra

ÍNDICE

Se Perguntarem por Mim, não Estou	9
Haja Harmonia	181

SE PERGUNTAREM POR MIM, NÃO ESTOU
seguido de HAJA HARMONIA

(2.ª edição)

Autor: Mário de Carvalho

Capa: Design gráfico e ilustração de José Serrão

© Editorial Caminho, SA, Lisboa — 1999

Tiragem: 1500 exemplares

Impressão e acabamento: Tipografia Lousanense, L.^{da}

Data de impressão: Junho de 2000

Depósito legal n.º 135 065/99

ISBN 972-21-1260-0

www.editorial-caminho.pt

SE PERGUNTAREM POR MIM,
NÃO ESTOU

A peça *Se Perguntarem por Mim, não Estou* foi representada no Centro Cultural Malaposta, com estreia a 20 de Março de 1999 e com a seguinte distribuição:

Produção: AMASCULTURA — CDIAG/Teatro Malaposta

Encenação: José Peixoto

Assistência de encenação: Jorge Estrela

Cenografia: Rui Mendes

Figurinos: Carmen Pilou

Música: Luís Cília

Sonoplastia: José Pedro Caiado

Intérpretes e personagens

Sofia de Portugal: *Adelaide*

Jorge Silva: *Alberto*

Carla Bolito: *Cecília*

Elisa Lisboa: *Emília*

Luís Alberto: *Duarte*

Mário Jacques: *Fernando*

Teresa Amaro: *Mulher Polícia*

Jorge Estrela: *Polícia*

PERSONAGENS

(por ordem de entrada em cena)

ADELAIDE

ALBERTO

CECÍLIA

EMÍLIA

DUARTE

FERNANDO

AGENTE FEMININO

AGENTE MASCULINO

1.º Acto

Apartamento amplo de classe média. A sala (vasta) comunica com o patamar da escada. Bom gosto. Bons sofás. Muitos sítios para se sentar. Candelabros e castiçais. Bibelôs vários. Grande jarra com bengalas e guarda-chuvas. A porta exterior comunica directamente com a sala. Há outras portas que dão para a cozinha e para o interior da casa. Adelaide passeia nervosamente de um lado para o outro. O televisor está aberto sem som. Há restos de comida num prato. Adelaide aproxima-se do telefone, deixa-o de lado. Depois, pega no telemóvel. Larga-o.

ADELAIDE

Adelaide, Adelaide, tens que te acalmar. Distender os pés, distender os braços, distender o pescoço... Hum... Massajar-te... Cantar músicas suaves *(começa a trautear, lentamente, «Voi che sapete, che cosa è amor», mas logo desiste e levanta-se)* Indefesa! Vulnerável!! Abandonada!!! Logo hoje! Logo esta noite! *(Mudança de tom)* Por que é que a vida me faz estas partidas? É sempre assim. A vida está contra mim... A vida odeia-me! Vou a um restaurante? Já sei! Fechado; Vou a um cinema? Superlotado... Quando entro no supermercado e não há ninguém na bicha das caixas, mal eu dou dois passos, gente, gente, gente, com enormes cestos, com filas de carrinhos, com milhões de pacotes... Quando vou a um museu... está fechado. Quando vou ao cabeleireiro, o cabeleireiro adoece e entregam-me à estagiária... Quando vou ao médico, esqueço-me do cartão da ADSE. Quando vou para a praia, chove... Quando vou

para o campo, há formigas e abelhas e sapos... A metem-se por tudo quanto é sítio... Quando penso que um dos meus doentes está estabilizado... ele suicida-se!!! Hoje, que preciso, absolutamente, do Alberto em casa... Ele vai-me para um estúpido jantar de negócios... Com estrangeiros... Meu Deus!!! *(Tom de susto)* Com «coelhinhos» de «pompom» a dançar em cima da mesa...? Esta mania que as pessoas têm de conversar em frente da comida... Ou se come ou se conversa... Não tem jeito nenhum, comer e negociar ao mesmo tempo... *(Tom, alto)* E estar a olhar para umas marafonas a saracotearem-se em cima da mesa!!! A pisarem a alface! Gaita! Logo hoje. Logo esta noite!

Nervosamente, tira um dicionário da estante. Procura e lê:

ADELAIDE

«Quadrúpede carnívoro fissípide da família dos felídeos, cuja pele é... » Que tolice, Adelaide! Acalma-te, Adelaide... *(trauteia)* «Voi che sapete...» *(Etc.)*

Fecha o dicionário de estalo e coloca-o na estante de pernas para o ar. Vê-se bem o contraste com os outros livros.

Toca a campainha da porta e Adelaide apanha um grande susto.

ADELAIDE

Ai! *(assustadíssima)* Não abro!

ALBERTO *(do lado de fora)*

Sou eu!

ADELAIDE

Escusa de insistir que eu não abro!

ALBERTO

Mas sou eu!!!

ADELAIDE

Se fosses tu, tinhas a chave.

ALBERTO

Ó Adelaide, francamente, querida! Sei lá onde é que tenho as chaves? Estão pràqui...

ADELAIDE

Isso é um expediente! É um expediente para me invadir a casa...

ALBERTO

Adelaide! Facilita!

ADELAIDE

Dá-me uma prova de que és tu!

ALBERTO

Então não me reconheces a voz?

ADELAIDE

Isso vozes há muitas.

Pausa. Ruído off de tilintar de chaves.

ADELAIDE

Em que ano é que fomos a Veneza?

ALBERTO
1991!

ADELAIDE
Mentira!

ALBERTO
Noventaaaaa!

ADELAIDE
Ah, agora é tarde...

ALBERTO
Adelaide! Ou me abres a porta ou dou pontapés e faço escândalo. Faço escândalo na escada. Desato aos berros.

ADELAIDE
Eu, se fosse a si, não fazia isso...

ALBERTO
Adelaide!!! Olha que eu perco a paciência! Ponho-me nu!

ADELAIDE
Ai, não! Quero lá saber! Não abro a porta a qualquer pessoa!

ALBERTO
Qualquer pessoa? Sou eu! Sou eu! O teu marido. Espreita pelo óculo. Ó, ó, ó pra mim.

ADELAIDE
O óculo está embaciado.

ALBERTO
Eu já estou fora de mim, Adelaide!!!! Eu já estou fora de mim!

Alberto escarafuncha na porta com uma chave ao acaso.

ADELAIDE *(não muito alto, apavorada)*
Socorro! Ai, minha mãe, estão a tentar assaltar-me. Logo hoje! Logo hoje! Eu bem sabia! Eu bem adivinhava! A vida está sempre contra mim! *(Num sobressalto)* Mas, mas por outro lado... hoje não devo deixar ninguém lá fora. Ah, a vida, cheia de dilemas...

Depois de experimentar várias chaves, com protestos de Adelaide, Alberto consegue abrir a porta. Mas a porta está presa na corrente.

ADELAIDE
Não se aproxime, não se aproxime que eu disparo. *(Não tem arma nenhuma. Ameaça com o telemóvel)*

ALBERTO
Ó menina, francamente, deixe-se de fitas... Tire-me lá esta coisa..

Alberto está com a cabeça entalada entre a porta e a corrente.

ADELAIDE *(dramaticamente)*
Ah, Alberto, és tu!

ALBERTO

Quem é que havia de ser!!! Essa agora! A minha própria mulher não me conhece a voz! E ameaça dar-me um tiro com um telemóvel!

Adelaide corre, empurra a cabeça de Alberto, fecha a porta, tira a corrente, abre a porta, abraça Alberto com uma efusão que o espanta e fecha rapidamente a porta com chave tripla e põe a corrente.

ALBERTO

Pronto, pronto... Mas, Adelaide, que é que te deu? Que estás a fazer? Que instabilidade é essa?

ADELAIDE

Instabilidade? Vê lá como é que falas...

ALBERTO

Ainda não nos vamos deitar...

ADELAIDE

Ah, não, gosto sempre de ter a porta bem fechada. Isto é... é... um ritual de tranquilização. Fazem muita falta, estes rituais, estes estereótipos... tinhas obrigação de saber isso.

ALBERTO

Mas, Adelaide, que exagero! Os rituais de tranquilização devem operar-se tranquilamente...

Alberto liberta-se da mulher, pendura o sobretudo, pousa a pasta.

ADELAIDE

Ah, Alberto, estava tão assustada... Tão abandonada... Ah, meu querido...

ALBERTO

Acho que andas muito crispada. Vês muita televisão. Ouve música, querida, lê um livrito, faz a tua tradução... Folheia o Lacan...

ADELAIDE

A vida está sempre contra mim!

ALBERTO

E, sobretudo, não andes sempre a dizer que a vida está contra ti...

Alberto deixa-se cair num sofá. A televisão está com o som fechado.

ALBERTO

Brrrr! Estourado! Nem queiras saber... Onde é que está o comando? Estão a falar de quê? De futebol? Esta gente só pensa na bola?

ADELAIDE

Ainda bem que vieste, Alberto. É tão bom ter-te aqui, perto de mim...

ALBERTO

Mas é claro que vim! Que é que se passa contigo?

ADELAIDE

Não posso ter um acesso de ternura, não? Estás tão frio,

tão seco... *(Mudança de tom. Alarme)* Alberto, já não gostas de mim? Diz, diz. Eu já desconfiava, eu já desconfiava. Diz sinceramente. *(Pausa)* Como é que ela se chama?

ALBERTO *(paciente)*

Não é isso, não é isso... Adelaide! Outra vez?

ADELAIDE

Ai, Alberto, por favor, tu não me abandonas... Tu não me abandonas, ouviste? E muito menos por uma putéfia que dança em cima das mesas!!!

ALBERTO

Quê!?

Alberto, de repente, distrai-se e, com um ar fixo, começa a olhar para a estante e aponta um dedo trémulo e indignado. Adelaide chega-se a ele, aterrorizada.

ALBERTO

Quê? Quê, quê?

ADELAIDE

Que é, Alberto, que é, meu querido?

ALBERTO *(aponta o dicionário)*

Aquele livro está ao contrário! Por que é que aquele livro está ao contrário?

ADELAIDE

Mas que importância é que isso tem?

ALBERTO *(indignado)*

As lombadas não devem estar ao contrário. Nós não andamos no tecto! Detesto ver livros de pernas para o ar. É uma agressão. Os livros têm alma! Achas justo, uma alma de pernas para o ar?

ADELAIDE

Foi a mulher a dias...

ALBERTO

Que maçada... Não têm a noção das lombadas... Mas, então, diz lá: como é que foi o teu dia? A traduçãozinha avançou? *(Apontando para o prato)* O quê, tu comeste isto? Croquetes de vaca?

ADELAIDE

Alberto, tu estás sempre a desconversar... *(Tom impositivo)* A outra?

ALBERTO

Não há outra nenhuma... Por favor, Adelaide, não me venhas outra vez com essas infantilidades... *(Tom paciente de cansaço)* Eu assim zango-me, Adelaide, vê lá...

ADELAIDE

Garantes? Asseguras? Pronto. Eu confio, eu confio mais uma vez... *(Aparte)* Sou uma parva! Pffff, japoneses... Então vamos ao assunto do dia... hum... Não sabes o que se passa? Não me digas que não sabes o que se passa?

ALBERTO

Alguma coisa de... importante?

Silêncio significativo de Adelaide.

ALBERTO

Não, não me digas... Enfim... Estás grávida!

ADELAIDE

Não, não é nada disso. *(Caindo em si e moderando o tom)*

É um rumor, um boato que há para aí...

ALBERTO

O quê?

ADELAIDE

Não, não digo, é tão disparatado...

ALBERTO

Boatos são um horror. Recuso-me a ouvir boatos. *(Pausa, pose, curiosidade súbita)* O que era?

ADELAIDE

Deixa lá, tu não queres saber de boatos.

ALBERTO

O que era?

ADELAIDE

Ora! Não lighes...

ALBERTO

Eu? Ligar a quê? Explica-te.

ADELAIDE

A nada, a nada... Era uma maneira de dizer...

ALBERTO

Vá lá...

ADELAIDE *(hesitando)*Dizem que há um perigo, uma ameaça, aqui no prédio...
Enfim, tolices...

ALBERTO

A porcaria da parabólica que está mal montada e pode vir por aí abaixo! Eu já tinha avisado os fulanos da administração...

ADELAIDE

É... é mais... mais assim pra um animal... um animal...

ALBERTO

O doberman do coronel! Deu-lhe a raiva?

ADELAIDE

Credo! Não há raiva em Portugal...

ALBERTO *(indignado)*É mentira! Aquele cão tem raiva! Tem raiva! Baba-se todo.
Adelaide, diz-me... Se o cão te ameaçou eu vou lá agora

HAJA HARMONIA

A festa da Haja Harmonia, realizada em 1997, foi um sucesso de público e crítica. O evento reuniu um dos melhores artistas do Brasil, o cantor e compositor...

Produção: Haja Harmonia Produções

Encenação: Maria José

Convidados: José Carlos...

Figurino: Sueli...

Filmar: Luis...

Soundman: José...

Assessoria de Imprensa:...

Correspondente:...

Integrantes e patrocinadores:

Alexandre Pereira, Carlos...

Antônio Carlos, Sérgio...

Elis Lacerda, Mônica...

Elis Valente, Márcia...

João...

João Carlos, José...

João Carlos, José...

João Carlos, José...

João Carlos, José...

Maria Helena, José...

Victor...

Produção: Haja Harmonia Produções
Encenação: Maria José
Convidados: José Carlos...
Figurino: Sueli...
Filmar: Luis...
Soundman: José...
Assessoria de Imprensa:...
Correspondente:...

Integrantes e patrocinadores:

Alexandre Pereira, Carlos...

Antônio Carlos, Sérgio...

Elis Lacerda, Mônica...

Elis Valente, Márcia...

João...

João Carlos, José...

João Carlos, José...

João Carlos, José...

João Carlos, José...

João Carlos, José...

João Carlos, José...

João Carlos, José...

João Carlos, José...

João Carlos, José...

João Carlos, José...

João Carlos, José...

João Carlos, José...

João Carlos, José...

João Carlos, José...

João Carlos, José...

João Carlos, José...

A peça *Haja Harmonia* foi representada no Centro Cultural Malaposta, com estreia a 11 de Setembro de 1997 e com a seguinte distribuição:

Produção: AMASCULTURA-CDIAG/Teatro Malaposta

Encenação: Mário Jacques

Cenografia: José Carlos Barros

Figurinos: Susana Afonso

Música: Luís Cília

Sonoplastia: José Pedro Caiado

Desenho de luz: Manuel Costa e Silva

Coreografia: Aldara Bizarro

Intérpretes e personagens

Alexandre Ferreira: *Guarda, Indígena*

Ana Nave: *Olga, Filipa Simões Lopes*

Elisa Lisboa: *Mãe do director, Joana-a-Adivinhadora*

Elsa Valentim: *Mulher do director, Adelaide-a-Abençoadora, Ninfa*

Jorge Estreia: *César, Ireneu*

Jorge Gonçalves: *Chefe dos guardas*

Jorge Silva: *Director*

Luís Alberto: *Adalberto*

Mário Redondo: *Abel, Cavaleiro*

Victor Santos: *Bento, Lopes-o-Serrador*

PERSONAGENS

(por ordem de entrada em cena)

CÉSAR

BENTO

ABEL

GUARDA

DIRECTOR

CHEFE DOS GUARDAS

MULHER DO DIRECTOR

ADELAIDE-A-ABENÇOADORA

LOPES-O-SERRADOR

FILIPA SIMÕES LOPES

GONÇALVES-O-INDÍGENA

MÃE DO DIRECTOR

JOANA-A-ADIVINHADORA

IRENEU-O-EMPREENDEDOR

NINFA

ADALBERTO NEVES

OLGA

CAVALEIRO-DO-ALVO-CORCEL

1.º Acto

Uma sala de prisão, relativamente ampla. Miserável. Vários beliches. Armários velhos. Portas esquinadas que dão para uma retrete. Lavatório. Mesa tosca. Bancos, do tipo mocho. Ao fundo, porta de ferro com uma portinhola. Roupa a secar numa corda. À direita, porta estreita, com vassoura e balde encostados. Presume-se que é duma arrecadação. Grades e sombras de grades algures. Uma janela gradeada, ampla, e suspensa ao alto, dá para o público.

A sala prisional não tem tecto. Por cima: estrutura complicada, mesmo confusa, de madeira, com múltiplas passadeiras por onde se circula. À esquerda ao alto, o gabinete do director. Estante, fundo apainelado, um quadro preto. Várias portas. Há uma enorme lupa com que os presos de vez em quando (adlib) aproximam os objectos.

Os presos falam entre si. Chamam-se Abel, Bento e César. Em cena, Abel e César.

Um empregado de cena, descontraído, de bata de cotim, vem com um enorme pau e bate as «pancadas de Molière» em frente de toda a gente. Vai-se embora, assobiando.

Ruído de voo de mosca que César e Abel seguem com o olhar.

CÉSAR (*palitando os dentes*)

Estou aqui, estou a olhar para aquela mosca e a pensar: Isto de voar é uma coisa muito importante, pá. Zum-zum, zum-zum, olha pra ela! Vai para onde quer, pá. Por que é que Deus deu asas e leveza às moscas, e a nós não, hem? É discriminatório, pá! Já viram o que era estar na prisão e ter asas?, zum-zum, zum-zum... É, pá! Um gajo empoleirava-se ali (*faz gestos*) e depois descia em voo ra-

sante e depois subia outra vez, e depois ficava naquele cantinho a olhar para vocês, e depois tornava a descer, depois pousava naquela toalha... Eh, pá... E podia ficar horas, horas numa sombra, a espreitar tudo, sem que ninguém desse por isso, eh, eh, eh!

Ruído de autoclismo. Bento sai entretanto da retrete e deixa a porta semiaberta de maneira a ver-se de onde sai. Bento traz um jornal na mão. Vê a mosca. Dobra o jornal e de repente — plaf! — mata a mosca.

CÉSAR (*irado*)

É pá, isso foi uma desconsideração! A minha mosca, pá!

César vai apanhar a mosca.

BENTO

A prisão fez-se para os homens. Não se fez para as moscas. Eu limitei-me a libertá-la, coitadinha... Tão pequenina e tão reclusa. Era uma injustiça, pá.

CÉSAR

Não tinhas nada que matar a minha mosca. A minha mosca era um paradigma, percebes? Esmagaste-me o paradigma. Era ou não era, Abel?

ABEL (*que cose*)

Deixa lá. Um paradigma falecido sempre é melhor que um paradigma vivo.

CÉSAR

Ai isso é que não é!!! Não é, não senhor!!!

BENTO

É pá, pronto! A gente faz o funeral da mosca, pá. Até é uma entretega, pá. Eu até gosto de fazer funerais de animais, pá.

ABEL

E eu sei umas rezas porreiras...

César, de mau humor, põe a mosca num caixote de lixo.

ABEL

Chiu, escutem! Não ouvem os passos do guarda?

Bento e César apuram o ouvido.

BENTO

Não, ainda não são horas...

CÉSAR

Calma, não estejas impaciente.

ABEL

Impaciente, eu? Ora, impaciente...

CÉSAR

Conta lá outra vez.

ABEL

O quê?

CÉSAR

Aquilo que o juiz te disse...

ABEL

Disse-me assim: «Olhe, para ser franco, não gosto da sua cara! E vejo que não usa roupas de marca! Se me torna cá a aparecer torno-o pensionista permanente do Estado. Demodependente.»

CÉSAR

O quê?

ABEL

«Demodependente». São palavras lá deles. Fartam-se de ler livros...

BENTO E CÉSAR (*riem*)

«Demodependente...»

ABEL

Não achei graça nenhuma àquele juiz. O homem tem tendência para levar estas coisas excessivamente a sério... Não foi nada simpático. (*Indignado*) Eu fiz umas gaifonas, assim, assim, lá na sala do tribunal (*com ênfase*), e o gajo nem se riu, pá!

CÉSAR

Problemas mal resolvidos... Infâncias maltratadas... Amores desesperados...

Riem os três.

BENTO

E tudo só por andares a dar pão aos peixes? Nem sequer

fizeste nada de mais grave? Sei lá, esfregar as mãos assim, freneticamente? Fazer olhos de carneiro mal morto? Sacudir o pó dos sapatos? Dar quatro pancadinhas no pedestal duma estátua?

CÉSAR

Ih, as quatro pancadinhas dão uma pena muita grande...

ABEL

Ná, foi só por dar pãozinho aos peixes.

BENTO

Ina, pá! O gajo foi severo. Se ao menos fosse qualquer coisa terrível, contar estrelas-cadentes, por exemplo...

CÉSAR

Ih, pá, isso é quase o mais grave de tudo...

BENTO

Dá quase cem anos, pá!

ABEL

Pois, mas, sabem, eu era reincidente naquilo dos peixes.

CÉSAR

Mas porquê?

ABEL

É uma tendência irresistível. Quando vejo um peixe de-sato a dar-lhe pão. Deve estar nos genes. Geralmente escapo, mas desta vez o polícia já me estava a espiar há

que tempos... Era um intelectual, aquele agente. Disse-me: «O senhor não sabe que é proibido dar pão aos peixes porque isso depaupera as reservas da nação, além de não ser um facto normal em democracia?» Eu nem respondi. Desatei logo a fugir. Mas ele foi mais rápido que eu... Cá estou.

BENTO E CÉSAR
Cá estamos!!

BENTO

Eu é que não tinha nenhuma possibilidade de fugir. Ia a andar a pé-coxinho e eles caem-me logo em cima, os três. Zás! Estavam indignados. Eram agentes muito jovens: «Então você não sabe que andar a pé-coxinho faz trepidação?» Mais sabia eu, mas disse que não. *(Encolhe os ombros)* A ignorância da lei não aproveita a ninguém... Bom, que se lixe!

CÉSAR

Eu apanhei uma juíza, aliás bonita... mas rancorosa. Diz-me ela: «O senhor já se compenetrrou da gravidade que tem exclamar “Gulp” no metropolitano?» E eu fiz-me artolas e respondi: «Mas a senhora doutora juíza acaba de dizer “gulp” no tribunal.»

BENTO
Quê?

CÉSAR
Gulp.

GUARDA *(off — aos berros)*

Eu estou a ouvir! Eu estou a ouvir! Não se pode dizer «Gulp» na prisão!

Os presos riem baixinho.

BENTO

Ah... *(Baixinho)* ouviram? Ele também disse «gulp!».

ABEL

E ela?

CÉSAR

Agravou-me a pena!

BENTO

Comichosa, hem?... Ah, se eu apanho o velhote que testemunhou contra mim, por eu andar a pé-coxinho... Ainda andei à procura dele, para lhe agradecer, mas... desapareceu. A pé-coxinho, imaginem, pá! A pé-coxinho, o gajo!!!

ABEL

Há gente capaz de tudo... E, depois, a pena também é um exagero. Há até países em que toda a gente anda a pé-coxinho...

CÉSAR

Na Suíça os gajos fartam-se de dar pancadinhas nos pedestais das estátuas, com os nós dos dedos, e não lhes acontece nada.